

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. **Relato da palestra do Alexandre Mate sobre o teatro épico**, 2010. Disponível em: <http://teatroderuaeacidade.blogspot.com.br/201-0/02/relato-da-palestra-do-alexandre-mate.html> Acesso em: 06/06/2013.

ALVES, A. (Org.), **Caderno de trabalho – Narrativas de Trabalho**, São Paulo, Ed. Grafnorte, 2011a.

ALVES, A., **Conteúdo e forma**, Texto provocação, criado para a abertura do Café Teatral ocorrido em 14/06/11, e organizado pelo grupo paulista Buraco d'Oráculo. 2011b. Disponível em: <http://teatroderuaeacidade.blogspot.com.br/2011/06/conteudo-e-forma.html> Acesso em: 06/06/2013.

ALVES, A., **A rua como espaço cênico: Desafios e possibilidades**, 2012a. Disponível em: <http://teatroderuaeacidade.blogspot.com.br/201-2/05/rua-como-espaco-cenico-possibilidades-e.html> Acesso em: 06/06/2013.

ALVES, A. “O que há para além dos muros que nos impõem?”, **Rebento**, Revista de Artes do Espetáculo, UNESP, n°3 – março de 2012. 2012b

AMARAL, L., “Um itinerário do teatro de rua”, **Rebento**, Revista de Artes do Espetáculo, UNESP, São Paulo, n°3, 2012.

BACHELARD, G., **La dialectique de la durée**, Paris, Ed. PUF, 2006.

BAGGIO, U., « A espacialidade degradante tendencial e o horizonte de uma educação política do espaço », **Cadernos Metrôpole**, Vol. 14, 2012 (n.º27), pp.155-170. Disponível em: http://www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/c-m27_232.pdf Acesso em: 06/06/2013.

BARBER, L., “De nuptiis musicae et mercurii”, ou sur les distances, lointains et résonances ; c'est-à-dire sur la musique et le cosmos (une fois de plus », In : **La ville, Espace de créations sonores : Rencontres Musicales Pluridisciplinaires 2000, Musiques en scène**, Goethe Institut Lyon, Ed. Y. Orlarey, 2000.

BAUDRILLARD, J. **La société de consommation**, Paris, Ed. Gallimard, 1970.

BAUDRILLARD, J., **A sociedade do consumo**, Lisboa, Ed. 70, 1995.

BEY, H, **TAZ, Zona autônoma temporária**, Tradução: Patricia Decia& Renato Resende, Copyleft, Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf Acesso 06/07/2013.

BIHR, A. “*Le nombre et le drame*”, **La Somme et le Reste**, nº16, 2009a. Disponível em: <http://ddata.over-blog.com/xxxyyy/2/48/95/06/La-Somme-et-le-Reste/S-R--16.pdf> Acesso em: 07/06/2013.

BIHR, A. “*Le nombre et le drame*”, **La Somme et le Reste**, nº17, 2009b. Disponível em: <http://ddata.over-blog.com/xxxyyy/2/48/95/06/La-Somme-et-le-Reste/S-R--17.pdf> Acesso em: 07/06/2013.

CAMPOS, T., **Pequenos trabalhadores nos sinais e suas experiências no cotidiano da rua: entre o “espetáculo” do malabares e as brincadeiras, os riscos e as tensões do trabalho explorado**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2010.

CARLOS, A.F., **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARLOS, A.F., “Novas contradições do espaço”, IN. DAMIANI, A. CARLOS, A. e SEABRA, O. (Org.), **O espaço no fim de século, a nova raridade**, São Paulo, Ed. Contexto, 1999. pp.65-74.

CARLOS, A.F., **A condição espacial**, São Paulo, Ed. Contexto, 2011.

CARREIRA, A., « A cidade como dramaturgia do Teatro de ‘Invasão’ ». Disponível em : <http://pt.scribd.com/doc/40287815/Andre-Carreira-A-Cidade-Como-Dramaturgia> Acesso em: 07/06/2013.

CARREIRA, A. Ambiente, fluxo e dramaturgias da cidade: materiais do teatro de invasão. **O percevejo**, Rio de Janeiro, n. 13, artigo 2, 2009.

CAVALO LOUCO, “Teatro de Rua – A Arte de Inventar Novas Cores no Espaço Urbano”, **Revista de Teatro, Tribo de Atuadores OíNóis Aqui Traveiz**, Ano7, nº12, Novembro 2012.

COELHO, L. “Em busca de um Corpo Acreditável”, In. ALVES, A. (Org.), **Caderno de trabalho – Narrativas de Trabalho**, São Paulo, Ed. Grafnorte, 2011.

CONSTANT, B. “Une autre ville pour une autre vie”, In. **Internationale Situationniste – Numéro 3**. 1959. Disponível em : <http://isituationniste.blogspot.com.br/2007/04/une-autre-ville-pour-une-autre-vie.html> Acesso em: 07/06/2013.

COSTA, I. C., **Das margens e bordas: relatos de interlocução**, São Paulo, Cooperativa Paulista de Teatro, 2011.

DAMIANI, A. “As contradições do espaço: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do espaço, IN. DAMIANI, A. CARLOS, A. e SEABRA, O. (Org.), **O espaço no fim de século, a nova raridade**, São Paulo, Ed. Contexto, 1999. pp.48-61.

DE CERTEAU, M., **L'invention du quotidien, I. Arts de faire**, Paris, Ed. Gallimard, 1990.

DE CERTEAU, M., **A invenção do cotidiano, I. Artes de fazer**, Petrópolis, Ed. Vozes, 2005.

DHAMOTO, E., “ A formação de um bando teatral se fazendo no sono permanente despertado do processo em relação de troca”, In: CIA DOS INVENTIVOS, **Bando é quem anda em bando**, Revista da Cia dos Inventivos, Volume 1, nº1, Janeiro 2012.

DEBORD, G., **La société du spectacle**, Paris, Ed. Gallimard, 1992.

DEBORD, G., « Problèmes préliminaires à la construction d'une situation », In. **Internationale Situationniste – Numéro 1**, juin 1958. Disponível em : <http://i-situationniste.blogspot.com.br/2007/04/problemes-preliminaires-la-construction.html> Acesso em 07/07/2013.

DEBORD, G. « Perspectives de modifications conscientes dans la vie quotidienne », In. **Internationale Situationniste – Numéro 6**, août 1961. Disponível em : <http://isituationniste.blogspot.com.br/2007/04/perspectives-de-modifications.html> Acesso em 07/07/2013.

DUARTE, C. “Notas de pesquisa: das contradições do espaço ao espaço vivido em Henri Lefebvre”, IN. DAMIANI, A. CARLOS, A. e SEABRA, O. (Org.), **O espaço no fim de século, a nova raridade**, São Paulo, Ed. Contexto, 1999. pp.75-82.

EGLER, T. “Interação social no espaço urbano: encontro ou confronto?”, In: RIBEIRO, A. C. (Org.). **Repensando a experiência urbana da América Latina: questões, conceitos e valores**. Buenos Aires: CLACSO, 2000, pp. 205-220.

ELDEN, S., “Rythmanalysis, an introduction”, In. LEFEBVRE, **Rythmanalysis, Space, Time and Everydaylife**, Trad. ELEN and MOORE, Continuum, 2004. pp.vii-xv.

FREITAS, J., **Política e Festa Popular em Rousseau: a recusa da representação**, São Paulo : Humanitas / FFLCH/USP, Fapesp, 2003.

GÉRARDOT, M., « Penser en rythmes. Pistes de réflexion pour la géographie », **Rhuthmos, 25 juin 2010 [en ligne]**. Disponível em: <http://rhuthmos.eu/spip.php?article18> Acesso 07/06/2013.

GOONEWARDENA, K., “Marxism and everyday life: on Henri Lefebvre, Guy Debord, and some others”, In: GOONEWARDENA, K. [et al.], **Space, difference, everyday life: reading Lefebvre**. NY, Routledge, 2008. pp.117-133.

HADDAD, A., Texto em presente no folheto do Seminário de Arte Pública – Ano Zero, ocorrido no dia 27 de novembro 2012. Texto também disponível em: <http://seminarioartepublica.wordpress.com/> Acesso 07/06/2013.

HESS R. (2009), **Henri Lefebvre et la pensée du possible. Théorie des moments et construction de la personne**, Paris, Anthropos, 2009. Disponível em : http://educationvie.univparis8.fr/docs/IMG/pdf/Henri_Lefebvre_et_la_pensee_du_possible-2.pdf Acesso em: 07/07/2013.

HIERNAUX, D., “Repensar a cidade: a dimensão ontológica do urbano”. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 20, p. 197-205, 2006.

HIERNAUX, D., “Los imaginarios urbanos: de la teoría y los aterrizajes en los estudios urbanos”, **Revista eure**, Vol. XXXIII, n.99, Santiago do Chile, 2007. Disponível em :<http://www.eure.cl/numero/los-imaginarios-urbanos-de-la-teoria-y-los-aterrizajes-en-los-estudios-urbanos/> Acesso 07/07/2013.

HIERNAUX, D., « 'Geografía objetiva' versus 'Geografía sensible' : Trayectorias divergentes de la geografía humana en el siglo XX », **Revista da ANPEGE**, v.4, 2008. Disponível em : <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitexto-s/10.110/41> Acesso em: 07/06/2013

HISSA, C., WSTANE, C., « Cidades incapazes », **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, Vol 11, nº21, 2009, Disponível em : <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/282> Acesso em: 07/06/2013.

INHAMUNS, C., “As Dramaturgias dos Espaços Abertos: das Metrôpoles às Comunidades Ribeirinhas do Brasil”, In: **Seminário Nacional de Dramaturgia para o Teatro de Rua**, Caderno 1 – 2011, Ed. Núcleo Pavanelli - Centro de Pesquisa Para o Teatro de Rua Rubens Brito, UNESP, 2011. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/a55615_6ef60c5b3f4d2ce723fbb9a39123a55f.pdf Acesso em: 06/06/2013.

JACQUES, P.B., “Corpografias urbanas – o corpo enquanto resistência”, In. Ana Clara Torres Ribeiro (Org.). **Cadernos PPG-AU/FAUFBA / UFBA**, Ano 5, número especial, Salvador : PPG-AU/FAUFBA, 2007.

JACQUES, P.B., “Notas sobre espaço público e imagens da cidade”, **Arquitextos**, São Paulo, 10.110, Vitruvius, jul 2009.

JACQUES, P.B., **Apologia da deriva : escritos situacionistas sobre a cidade**, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

KADARÉ I., **Eschyle ou l'éternel perdant**, Paris, Fayard, 1988 ; 2e éd.

LEFEBVRE, H., **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. 178 p.

- LEFEBVRE, H., **La production de l'espace**, Paris, Ed. Economica; 2000.
- LEFEBVRE, H., **Éléments de Rythmanalyse – Introduction à la connaissance des rythmes**, Paris, Editions Syllepse, 1992.
- LEFEBVRE, H., **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991a.
- LEFEBVRE, H., **O direito à cidade**. São Paulo, Moraes, 1991b.
- LEFEBVRE, H., **Le retour de la dialectique – 12 mots clés pour le monde moderne**, Paris, Messidor/Éditions sociales, 1986.
- LEFEBVRE, H., **La presencia e la ausencia - Contribución a la teoria de las representaciones**, México, Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LEFEBVRE, H., **Critique de la vie quotidienne III – De la modernité au modernisme, (Pour une métaphilosophie du quotidien)**, Paris, L'Arche Editeur, 1981.
- LEFEBVRE, H., Menchini, MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1977.
- LEFEBVRE, H., **Critique de la vie quotidienne. Tome II. Fondements d'une sociologie de la quotidienneté**. Paris, L'Arche Editeur, 1961.
- LEFEBVRE, H., « La notion de totalité dans les sciences sociales". **Cahiers internationaux de sociologie**, vol. 18, 1955, pp. 55-77.
- LINDON, A., "La ciudad y la vida urbana a través de los imaginarios urbanos", **Revista eure**, Vol. XXXIII, n.99, Santiago do Chile, 2007. Disponível em : <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19609902> Acesso 07/07/2013.
- MASSEY, Doreen, **Pelo espaço – Uma nova política de espacialidade**, Bertrand do Brasil, São Paulo, 2008.
- MASSEY, D., KEYNES, M.. "Filosofia e política da espacialidade: Algumas considerações", **GEOgraphia**, América do Norte, 6, dez. 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/151/146>. Acesso em: 07/07/2013.
- MATE, A., "O gesto. O gestual. O gestualizável...Experiências estético-sociais", In. ALVES, A. (Org.), **Caderno de trabalho – Narrativas de Trabalho**, São Paulo, Ed. Grafnorte, 2011a.
- MATE, A., **Sobre o Teatro Épico e o Épico brechtiano**, II Encontro Núcleo Regional de Pesquisadores de teatro de Rua (SP) – 12/02/2010. 2011b. Disponível em: http://teatroderuaeacidade.blogspot.com.br/2011/06/teatro-epico-e-epico-brechtiano_05.html Acesso em: 06/06/2013.

MATE, A., **Buraco d'Oráculo: Uma trupe paulistada de jogadores desfraldando espetáculo pelos espaços públicos da cidade**, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.buracodoraculo.com.br/2013/editoriais/2_210420132038_publ02.pdf Acesso em: 06/06/2013.

MATE, A., “Bando é quem anda em bando”, **Revista da Cia dos Inventivos**, Volume 1, nº1, Janeiro 2012.

MEHRY, E., Texto no folheto do espetáculo “Tremelicando”, do Grupo carioca de circo-teatro OFF-SINA, 2012.

MEYER, K., “Rythms, streets, Cities”, In: GOONEARDENA, K. [et al.], **Space, difference, everyday life: reading Lefebvre**. NY, Routledge, 2008. pp.147-160.

POGREBINSCHI, Thamy, “O político contra a política – Uma agenda de pesquisa em forma de manifesto”, **SINAIS SOCIAIS**, Rio de Janeiro, v.2 nº4, pp.106-141, Maio-Agosto 2007.

RANCIERE, J. **A partilha do sensível**, São Paulo, Ed. 34, 2005.

REGO DO GORILLA, “Do direito à cidade à arte civil, contribuições do Teatro de rua”, Texto coletivo, **Revista REGO DO GORILLA**, ANOº1 – Novembro 2011. Disponível em: <http://www.rosadosventos.art.br/files/rego-do-gorila-web.pdf> Acesso em: 06/06/2013

REGO DO GORILLA, “Rosa dos Ventos e o público: uma relação de brincadeira”, Texto coletivo, **Revista REGO DO GORILLA**, ANOº1 – Novembro 2011. Disponível em: <http://www.rosadosventos.art.br/files/rego-do-gorila-web.pdf> Acesso em: 06/06/2013.

RIBEIRO, A. C. T. “Metrópoles e presentificação: imaginário necessário”. In: Cátia Antonia da Silva; Désirée Guichard; Floriano José Godinho de Oliveira. (Org.). **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: 2006.

ROUTLEDGE, P. “Sensuous solidarities: Emotion, Politics and Performance in the Clandestine Insurgent Rebel Clown Army”, **Antipode**, Vol.44 No.2, pp.428-452, 2010.

SEABRA, O., “A insurreição do uso”, In.: MARTINS, J., **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. pp.71-86.

SILVA, L. T., **Acontecimentos urbanos: os escapes na cidade**, Dissertação de Mestrado, PPGAU – UFBA, 2007. Disponível em: <http://www.ppgau.ufba.br/node/548> Acesso em: 07/06/2013.

SILVA, E., “Arte na rua – produção do público no espaço público”, In **Revista Anjos do Picadeiro 6**, Editora: Ieda Magri; Coordenação do Observatório do Anjos do Picadeiro 6: Ieda Magri e Sidnei Cruz – ISSN 1983-6449, pp. 27-49, 2008. Disponível em: http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2761:arte-na-rua-producao-do-publico-no-espaco-publico&catid=189:erminia-silva&Itemid=510 Acesso 07/07/2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**, São Paulo, Ed. Edusp, 2009.

SILVEIRA, M., “A pluralidade da Dramaturgia para o Teatro de Rua”, In: **Seminário Nacional de Dramaturgia para o Teatro de Rua**, Caderno 1 – 2011, Ed. Núcleo Pavanelli - Centro de Pesquisa Para o Teatro de Rua Rubens Brito, UNESP, 2011. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/a55615_6ef60c5b3f4d2ce723fbb9a39123a55f.pdf Acesso em: 06/06/2013.

SILVESTRE, N. **Esumbau, Pombas Urbanas ! 20 anos de uma prática de Teatro e Vida**, São Paulo : Instituto Pombas Urbanas, 2009.

SIMPSON, P., “Chronic everyday life: rhythmanalysing street performance”, **Social and Cultural Geography**, Vol.9, nº7, Nov. 2008.

SIMAY, P., “Une autre ville pour une autre vie. Henri Lefebvre et les Situationnistes », **Métropoles**, 4 / 2008. Disponível em : <http://metropoles.revues.org/2902> Acesso em: 06/06/2013.

SOJA, Edward W. **Heterotopologies: Foucault and the Geohistory of otherness**. In SOJA, Edward W. *Thirdspace*. Cambridge: Blackwell, 1996.

STABILE, R., “Vivarte e a Dramaturgia do Teatro para os Povos da Floresta”, In: **Seminário Nacional de Dramaturgia para o Teatro de Rua**, Caderno 1 – 2011, Ed. Núcleo Pavanelli - Centro de Pesquisa Para o Teatro de Rua Rubens Brito, UNESP, 2011. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/a55615_6ef60c5b3f4d2ce723fbb9a39123a55f.pdf Acesso em: 06/06/2013.

TELLES, V., **Pontos e linhas. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade**, USP, 2006. Disponível em: <http://www.veratelles.net/home/wp-content/uploads/2013/04/2005Trajetorias-urbanas.pdf> Acesso em: 06/06/2013.

THRIFT N., "Intensities of Feeling: Towards a Spatial Politics of Affect" In. **Geografiska Annaler. Series B, Human Geography**, Volume 86, Number1, pp. 57–78, 2004.

TRINDADE, J., “Musicalidade, imagem sonora, escuta cênica: novas possibilidades de recepção no teatro de rua”, **A Gargalhada**, Publicação do Buraco d’Oráculo, ano IV, nº25, setembro 2012. Disponível em: http://www.buracodoraculo.com.br/2013/jornais/2_090520130235_jornal_25.pdf Acesso em: 06/06/2013.

TURLE, L. “No Brique da Redenção: uma experiência de teatro de rua como arte pública”, **REBENTO**, Revista de artes do espetáculo, UNESP, São Paulo, nº3, 2012.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. São Paulo: Conrad, 2002.

VALVERDE, R., **A transformação da noção de espaço público: a tendência à heterotopia no Largo da Carioca**, Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2007.

ANEXOS

ANEXO A : Texto original das citações (Notas de Anexos listadas ao longo do trabalho)

- i Tradução nossa. « Temps quotidien homogène : la mesure abstraite du temps commande la pratique sociale. Temps quotidien fragmenté : mis en miettes par des discontinuités brutales, débris des cycles et des rythmes rompus par la linéarité des procédures de la mesure, activités disjointes bien que soumises à une ordonnance générale décrétée par en haut. Temps quotidien hiérarchisé : inégalité des situations et des instants, certains passant pour très importants et d'autres pour négligeables, selon des évaluations mal justifiées, elles-mêmes en crise » (LEFEBVRE, 1981, p.85)
- ii “a) Comment expliquer le développement privilégié de la série particulière que constituent les dispositifs panoptiques?
b) Quel est le statut de tant d'autres séries qui, poursuivant leurs itinéraires silencieux, n'ont pas donné lieu à une configuration discursive ni à une systématisation technologique? Elles pourraient être considérées comme une immense réserve constituant les amorces ou les traces de développements différents.” (DE CERTEAU, 1990, pp.78-79).
- iii “ 'La ville', à la manière d'un nom propre offre ainsi la capacité de concevoir et construire l'espace à partir d'un nombre fini de propriétés stables, isolables et articulées l'une sur l'autre” (ibid, 1990, p.143) e « Enfin, l'organisation fonctionnaliste, en privilégiant le progrès (le temps), fait oublier sa condition de possibilités, l'espace lui-même, qui devient l'impensé d'une technologie scientifique et politique. » (DE CERTEAU, ibid, p.144).
- iv “Le langage du pouvoir 's'urbanise', mais la cité est livrée à de mouvements contradictoires qui se composent et se combinent hors du pouvoir panoptique. La Ville devient le thème dominant des légendaires politiques, mais ce n'est plus un champ d'opérations programmées ou contrôlées.” (De Certeau, ibid, pp.144-145)
- v Tradução nossa. « La pratique n'a rien d'inédit. On pense immédiatement à la flânerie baudelairienne et aux errances surréalistes, deux modes d'expérimentation qui partagent la même représentation de la ville comme réservoirs de virtualités, avec ses pôles d'attraction et ses brèches dans la banalité des espaces balisés. Néanmoins, pour Debord, la dérive n'est pas seulement un mode de comportement expérimental mais possède avant tout une vertu heuristique. En cela, elle n'est pas tant un moyen pour s'évader du quotidien qu'un instrument pour le réinventer.”(SIMAY, 2008, pp.8-9)
- vi Tradução nossa. « la libération du comportement exige un espace social, labyrinthique mais en même temps continuellement modifiable. Il n'y aura plus de centre à atteindre mais un nombre infini de centres qui se déplacent. Il ne pourra plus être question de s'égarer dans le sens de 'se perdre' mais dans le sens plus positif de 'trouver des chemins inconnus' » (CONSTANT, apud SIMAY, p. 11).

- vii Tradução nossa. « Néanmoins, concernant les perspectives de l'urbanisme unitaire, on ne peut s'empêcher de penser qu'en rompant avec toute pratique effective de l'architecture et de l'urbanisme les situationnistes n'ont jamais pu expérimenter les modalités d'une réinvention du quotidien. Il est toujours possible d'admettre qu'ils ont été des constructeurs de situations, d'ambiances transitoires. Mais comment celles-ci auraient-elles pu subvertir l'ordre des formes urbaines dominantes dans la mesure où, d'une part, aucune d'elles n'avaient aucun caractère durable et, d'autre part, elles furent elles-mêmes discréditées au nom d'une théorie générale de la révolution ». (SIMAY, 2006, p.13)
- viii Tradução nossa. « Des produits privilégiés, effectivement utiles et agréables [...] sont chargés de cette mission : exproprier le corps et compenser cette expropriation, remplacer le désir par le besoin fixé, remplacer la jouissance par la satisfaction programmée. Le 'réel' déplacé et situé d'une manière nouvelle dans le quotidien, l'emporte dès lors sur toute idéalité . » (LEFEBVRE, 1981, pp.31-32)
- ix Tradução livre. « Une erreur s'ensuit ou une illusion: la mise hors de portée de l'espace social, qui escamote son caractère pratique pour en faire une sorte d'absolu à la manière des philosophies. De sorte que l'usager fait spontanément abstraction de soi, de sa présence, de son 'vécu' et de son corps, devant cette abstraction fétichisée. L'espace abstrait fétichisé engendre à la fois cette abstraction pratique de l'usager' qui ne se perçoit pas dans un tel espace et celle de la réflexion, qui ne conçoit pas la critique. » (LEFEBVRE, 2000, p.112)
- x Tradução livre.« L'hypothèse inverse s'impose donc. Le corps, avec ses capacités d'action, ses énergies, fait-il l'espace ? Sans doute, mais pas au sens où l'occupation 'fabriquerait' la spatialité – dans le sens d'un rapport immédiat entre le corps et son espace, entre le déploiement dans l'espace et l'occupation de l'espace. Avant de *produire* (des effets, dans la matière, des outils et des objets), avant de se *produire* (en se nourrissant) et de se *reproduire* (par la génération d'un autre corps) chaque corps vivant est un espace et a son espace : il s'y produit et le produit. Rapport remarquable : le corps, avec ses énergies disponibles, le corps vivant, crée ou produit son espace ; inversement, les lois de l'espace, c'est-à-dire de la discernabilité dans l'espace, sont celles du corps vivant et du déploiement de ses énergies » (Lefebvre, 2000, p.199)
- xi Tradução livre.« Oui, le corps charnel (spatio-temporel) se révolte, et ce n'est pas un recours aux origines, à l'archaïque, un appel à l'anthropologique ; il s'agit de l'actuel, de 'notre corps '. Dédaigné, absorbé, mis en miettes par l'image. Plus que dédaigné : omis. Ce n'est ni une rébellion politique, substituée à la révolution, ni une révolte de la pensée, de l'individu, de la liberté ; c'est une révolte élémentaire et mondiale, qui ne cherche pas son fondement théorique mais cherche à retrouver par la théorie son fondement, à le reconnaître » (Lefebvre, 2000, p.232)
- xii Tradução livre. « La critique des idéologies philosophiques ne saurait dispenser d'examiner les idéologies politiques en tant qu'elles concernent l'espace. Or, elles s'en préoccupent au premier chef : elles y interviennent en tant que stratégies. L'efficacité des stratégies dans l'espace, et surtout un fait nouveau, à savoir que les stratégies mondiales tentent d'engendrer un espace global, le leur, et de l'ériger en absolu, apporte une raison et non la moindre au renouvellement du concept d'espace. » (LEFEBVRE, 2000, p.126)

- xiii Tradução nossa. « First, systematic knowledge of the creation and mobilisation of affect have become an integral part of a reflexive part of the everyday urban landscape: affect has become part of a reflexive loop which allows more and more sophisticated interventions in various registers of urban life. Second, these knowledges are not only deployed knowingly, there are also being deployed politically (mainly but not only by the rich and powerful) to political ends: what might have been painted as aesthetic is increasingly instrumental. Third, affects have become a part of how cities are understood. As cities are increasingly expected to have 'buzz', to be 'creative', and to generally bring forth powers of invention and intuition, all of which can be forged into economic weapons, so the active engineering of the affective of the affective register of cities has been highlighted as the harnessing of the talent of transformation. Cities must exhibit intense expressivity. » (THRIFT, 2004, p.58)
- xiv Tradução nossa. «Through such open-ended theatrical spectacles, to which public participation was encouraged, CIRCA attempted to fleetingly bring into being new worlds and possibilities. They deliberately attempted to subvert the normative function of space through what Uitermark (2004) terms 'carnavalesque hacking'. The 'desprogramming of space' implies an intentional disruption and the disorientation of consensus reality (...).» (ROUTLEDGE, 2010, p.439)
- xv Tradução nossa. « The shared bodily and emotive experiences, eg the flows of adrenalin or tiredness through the body ; feelings and excitement, fear and joy, establish a shared (group) memory and story of protest events, as well as shared strategies repertoires, all the more powerful because they were *felt*. As Anna Gibbs argues, '(b)odies can catch feelings as easily as catch fire...they resonate 'from one to another, evoking tenderness, inciting shame, igniting rage, exciting fear (Gibbs 2001 : no pagination). » (Routledge, 2010, p.438)
- xvi Tradução livre. « Chacun situe son corps dans son espace et perçoit l'espace autour de son corps. L'énergie disponible de chacun vise à s'y employer, trouvant dans les autres corps, inertes ou vivants, tour à tour des obstacles, des dangers, des alliances, des récompenses. Chacun agit avec ses multiples appartenances et sa double constitution initiale : les axes et plans de symétrie, qui régissent les mouvements des bras, des jambes, des mains, des membres, - les rotations, girations, qui régissent toutes sortes de mouvements du tronc, de la tête, en rond, en spirale, en 'huit', etc. A partir de ce matériel, les gestes impliquent les appartenances, les groupes (famille, tribu, village, cité, etc.) et l'activité, et aussi certains matériaux : les objets disponibles pour ces activités, objets 'réels' donc faits d'une matière, mais en même temps symboliques et chargés d'affectivité » (LEFEBVRE, 2000, pp.245-246)
- xvii Tradução nossa. «Le moment est plus profond. Il dure. Il est inséré dans le temps. Chaque moment a sa mémoire, ses reconnaissances. Alors que les instants ne se reproduisent pas, les moments reviennent. Ils bondissent de ceci à cela à travers les diversités. » (HESS, 2009, p.144)
- xviii Tradução nossa. « Extraits de la meilleur quotidienneté, les moments permettent une meilleure communication, une meilleure information. Ils permettent aussi de définir de nouveaux modes de jouissance de la vie naturelle et sociale. La théorie des moments ne se situe donc pas hors de la quotidienneté, mais s'articule avec en s'unissant à sa critique pour y introduire ce qui manque à sa richesse. » (HESS, 2009, p.119)

-
- xix Tradução livre. « Par essence, l'énergie se dépense et cela *productivement*, même si la 'production' n'est que celle d'un jeu, d'une violence gratuite. Elle produit toujours un effet, un ravage ou une réalité. Elle modifie l'espace ou engendre un espace. L'énergie vivante (vitale) ne semble agissante que s'il y a excès, surplus disponible, superflu et dense. Alors l'énergie se gaspille. Ce gaspillage explosif ne se distingue pas de l'emploi productif : le jeu, la lutte, la guerre, le sexe vont ensemble, dès la vie animale. Production, destruction, reproduction s'entrecroisent. » (LEFEBVRE, 2000, p.206)
- xx Tradução nossa. "La presencia adviene a costa de un esfuerzo, que precede La sorpresa, la flor de la vida (la Rosa sin por qué). Para encontrar a alguien o alguna obra, hay que salir al encuentro, que llena La espera. La presencia sólo se encuentra durante un argumento, que ésta interrumpe. Se desarrolla em las representaciones y las sobrepasa. ¡Aun em el teatro!" (LEFEBVRE, 1983, p.256)
- xxi Tradução nossa. « L'appropriation d'avec par la théorie n'est effective (réussie) que si celle-ci reste *ouverte* sur ses autres moments. Ce n'est qu'à cette condition qu'elle peut constituer une modalité de la présence à soi (elle enrichit le vécu en en élargissant l'horizon, donc en lui ouvrant de nouvelles possibilités, voire en favorisant la formation de nouveaux moments) ; de la présence aux autres (elle enrichit la communication, elle approfondit le consensus sur lequel celle-ci peut déboucher) ; de la présence au monde en fin : elle amplifie la capacité d'intervention de l'individu dans la vie sociale, elle transforme celui-ci de spectateur dans le monde en acteur du monde, elle garantit une capacité de résistance aux puissances aliénées aliénantes qui dominent la vie sociale et aux illusions qu'elles entretiennent. » (BIHR, 2009b, p.15)
- xxii Tradução nossa. « Tout le contenu des moments vient de la vie quotidienne et cependant chaque moment émerge de la vie quotidienne dans laquelle il prend les matériaux ou le matériel dont il a besoin. L'originalité du moment vient en partie – en partie seulement – du contenu circonstanciel. IL s'insère dans le tissu de la quotidienneté qu'il ne déchire pas mais tend à transformer (partiellement et 'momentanément', à la manière de l'art, comme un dessin sur ce tissu). » (LEFEBVRE, 1961, p.346)
- xxiii Tradução nossa. « Le créateur est sujet. Mais il n'est pas sujet déjà là qui s'exprimerait dans l'oeuvre. Non, c'est la production de l'oeuvre qui produit le sujet. Le sujet se constitue dans l'action poétique, celle qui donne la forme à l'oeuvre. A la différence du simple producteur, le créateur vit les contradictions de la création qu'il dépasse en assimilant le plus de savoir possible. Savoir et vécu interagissent dans la production de l'oeuvre. » (HESS, 2009, p.134)
- xxiv Tradução nossa. « Cette forme s'impose au temps et à l'espace. Elle crée un temps et un espace à la fois objectifs (socialement réglés) et subjectifs (individuels et inter-individuels). En ce sens, le moment n'a pas une forme ; il 'est' cette forme et cet ordre imposés au 'contenu' » (LEFEBVRE, 1961, p.346)
- xxv Tradução nossa « (...) l'affirmation d'une vision alternative de la spatialité défie directement tous les modes conventionnels de la pensée spatiale. Ce ne sont pas seulement des 'espace autres' à ajouter à l'imagination géographique, ils sont aussi 'autres que les' manières établies de penser la spatialité. Ils sont censés détoner, déconstruire, et non pas être confortablement déposés dans de vieux contenants. » (SOJA, apud Martin, 2006, p.9)

- xxvi Tradução nossa. « Le moment ne coincide pas exactement avec la 'situation'. Résultant d'une décision et d'un choix – d'une tentative – le moment crée de situations. En tant que terme général, il les résume et les condense parce qu'il les relie effectivement. (...) La conjoncture, c'est *presque* la situation, et le moment *presque* la structure. Toutefois, dans la conjoncture, il y a moins que la situation, et dans le moment plus qu'une structure. L'être conscient 'en situation' vit en proie à une conjoncture extérieure à laquelle il doit s'insérer ; s'il tente un moment, il y a dès lors dans sa situation une aventure voulue : une série engagée dès le début d'articulations nécessaires dans le temps et l'espace, un ordre et une forme imposés aux éléments prélevés dans la conjoncture. » (Lefebvre, 1961, p.351)
- xxvii Tradução livre. “C'est-à-dire que l'énergie abandonnée dans la vie quotidienne, est inséparable de la connaissance de la misère de l'organisation dominante de cette vie: seule l'existence perceptible de cette richesse inexploitée conduit à définir par contraste la vie quotidienne comme misère et prison; puis, d'un même mouvement, à nier le problème. » (DEBORD, 1961)
- xxviii Tradução nossa. « No hay presencia sino por y en una situación: una relación momentánea entre numerosos elementos, unos burdos (cotidianos) y otros finos -en una coyuntura en que juega el azar. Imposible invertir La proposición: 'No hay situación sin presencia.'em efecto, la distancia, la separación, el alejamiento, el silencio, la ausencia, también definen unas situaciones”.(LEFEBVRE, 1983, p.263)
- xxix Texto original. « La construction de situations commence au-delà de l'écroulement moderne de la notion de spectacle. Il est facile de voir à quel point est attaché à l'aliénation du vieux monde le principe même du spectacle : la non-intervention. On voit, à l'inverse, comme les plus valables des recherches révolutionnaires dans la culture ont cherché à briser l'identification psychologique du spectateur au héros, pour entraîner ce spectateur à l'activité... La situation est ainsi faite pour être vécue par ses constructeurs. Le rôle du “public”, sinon passif du moins seulement figurant, doit y diminuer toujours, tandis qu'augmentera la part de ceux qui ne peuvent être appelés des acteurs mais, dans un sens nouveau de ce terme, des “viveurs”. »(DEBORD, 1958)
- xxx Tradução nossa. « L'émergence d'un moment au sein du vécu suppose l'intervention ordonnatrice, structurante d'une forme : elle suppose la mise en forme, voire la formalisation du contenu du moment, contenu prélevé dans le vécu qui fournit donc le matériau et le matériel des moments : instants ; objets, actes et situations ; images, symboles et représentations : états subjectifs, attitudes et comportements, etc. La forme garantit l'unité du moment : elle rassemble ces éléments épars au sein du vécu. [...] Tout moment crée ainsi une spatialité et une temporalité appropriées, à la fois subjectives (parce que peuplées de représentations – images, symboles, objets expressifs ou significatifs – qui ont sens par et pour l'individu ou le groupe qui les mettent en jeu) et objectives (parce que déterminées ou surdéterminées socialement par l'intermédiaire précisément des éléments formels du moment). (Bihl, 2009a, p.17)
- xxxi Tradução nossa. “[el] imaginário aporta un complemento de sentido a las representaciones, las transforma simbólicamente para ser tanto guías de analisis como guías de accion. (...) En ello yace la fuerza creativa del imaginário que rebasa La simple representacion: el imaginário cira imagenes actuantes, imagenes-guías que conducen procesos y no solo representan realidades materiales o subjetivas. En otro contexto lo confirmamos tambien, expresando que el imaginário es, entonces, um processo dinamico que otorga sentido a la simple representacion mental » (HIERNAUX, 2008, p.20)

- xxxii Tradução nossa. “ [...], los imaginarios urbanos constituyen una mirada que necesariamente da cuenta de la relación entre lo no material, la subjetividad espacial, y la ciudad encunto a sus formas materiales y a las prácticas que se inscriben em esas formas materiales. Las prácticas sociales al anclarse y desplegarse em el espacio de la ciudad, contribuyen a la hechura de la ciudad material, pero al mismo tempo essas prácticas adquieren ciertos rasgos a partir de la materialidad de la ciudad. Esa relación entre formas materiales y prácticas resulta inconclusa si no se la considera a la luz de los imaginarios urbanos.” (LINDON, 2007, p.12)
- xxxiii Tradução nossa. “Pour Benveniste, Le rythme est une forme improvisée, momentanée, modifiable ; une disposition sans fixité ni nécessité naturelle et résultant d’un arrangement toujours sujet À changer. Il définit de ce fait le rythme non pas comme une cadence régulière, mais comme un phénomène dissymétrique. En d’autres termes, ‘ce qui intéresse le rythme, ce ne sont pas similitudes, mais les différences’ (Bureau, 1992, p.134). » (GÉRARDOT, 2007, p.2)
- xxxiv Tradução nossa. Texto original: “L’analyse consiste, en tentant d’isoler tel ou tel rythme, à comprendre ce qui lui vient de la nature et ce qui est acquis, conventionnel, voire sophistiqué. Analyse difficile, dont il est possible qu’elle ait une portée éthique, c’est-à-dire pratique. Autrement dit : le savoir du vécu modifierait le vécu sans le savoir, le métamorphoserait. Ici se retrouve, autrement abordé mais la même, la pensée de la métamorphose. » (LEFEBVRE, 1992, p.30)
- xxxv Tradução nossa. Texto original: « Le linéaire viendrait plutôt de la pratique sociale, donc de l’activité humaine : monotonie des actions et des gestes, cadres imposés. Les grands rythmes cycliques ont une période et recommencent : l’aube, toujours neuve, souvent superbe, inaugure le retour du quotidien. L’unité conflictuelle des relations entre le cyclique et le linéaire engendre tantôt des compromis, tantôt des perturbations. » (LEFEBVRE, 1992, p.17)
- xxxvi Tradução nossa. Texto original: « Le temps et l’espace, le cyclique et le linéaire ont cette action réciproque ; ils se mesurent l’un par l’autre ; chacun se fait mesurant-mesuré ; tout est répétition cyclique À travers des répétitions linéaires. Un rapport dialectique (unité dans l’opposition) prend ainsi sens et porté, c’est-à-dire généralité. On atteint, par cette voie come par d’autres, la profondeur de la dialectique. » (Lefebvre, 1992, p.17)
- xxxvii Tradução nossa. Texto original: « La science de l’espace serait donc *science de l’usage*, alors que les sciences spécialisées, dites sciences sociales font partie de l’échane (de la communication et du communicable : économie politique, sociologie, sémiologie, informatique, etc.). A ce titre, la science de l’espace se rapprocherait de la matérialité, de la qualité sensible, de la naturalité mais en mettant l’accent sur la *nature seconde* : la ville, l’urbain, l’énergétique sociale. Ce qu’obscurcit le naturalisme banal avec ses concepts équivoques : environnement, par exemple. Cette tendance renverse la tendance dominante et dominatrice éhalement en ceci que l’appropriation reçoit un privilège théorique et pratique. Comme l’usage, contre l’échange et la domination. » (Lefebvre, 2000, p.425)
- xxxviii Texto original: « Non seulement la répétition n’exclut pas les différences, mais elle les engendre ; elle les produit. Elle rencontre tôt ou tard **l’événement** qui vient ou plutôt survient par rapport à la suite ou série produite répétitivement. Autrement dit : **la différence.** » (LEFEBVRE, 1992, p.16)

- xxxix Tradução nossa. Texto original : « **La polyrhythmie s'analyse**. Prospective fondamentale : l'analyse parvient tôt ou tard à isoler tel ou tel mouvement avec son rythme dans l'ensemble organisé. L'opération analytique, accouplée souvent de façon empirique à des spéculations (cf les médecins dans l'auscultation, etc.) découvre à la fois la multiplicité des rythmes et l'unicité de tel rythme (le cœur, les reins, etc.). La rythmanalyse ici définie comme méthode et théorie poursuit ce labeur millénaire, de façon systématique et théorique, en rassemblant des pratiques très diverses et des savoirs très différents : médecine, histoire, climatologie, cosmologie, poésie (*poétique*), etc. Sans omettre bien entendu la sociologie et la psychologie, qui occupent le premier plan et fournissent l'essentiel. » (LEFEBVRE, 1992, p.27)
- xi Tradução nossa. Texto original : « En bref, les rythmes échappent à la logique, et cependant ils contiennent une logique, un calcul possible, des nombres et rapports numériques. » (LEFEBVRE, 1992, p.20)
- xii Tradução nossa. Texto original : « Ceux-ci sont à la fois naturels **et** rationnels, et ni l'un ni l'autre. Le rythme d'une valse de Chopin est-il naturel ou factice ? Les rythmes des formules nietzschéennes, -celles de Zarathoustra, sont-ils naturels ou rationnels ? Ils ont parfois le rythme de la marche : celle du corps, celle de l'allure du penseur-poète. » (LEFEBVRE, 1992, p.18)
- xiii Texto original: « Les temps sociaux montrent des possibilités diverses, contradictoires : des retards et des avances, des réapparitions (répétitions) d'un passé riche (apparemment), et de révolutions qui introduisent brusquement un contenu nouveau et parfois changent la forme de la société. Les temps historiques se ralentissent, avancent ou régressent, vont en prospection ou en rétrospection. Selon quel critère ? Selon les représentations et les décisions politiques, mais aussi selon la mise en perspective par l'historien. Objectivement, pour qu'il y ait *changement*, il faut qu'un groupe social, une classe ou une caste, intervienne en imprimant un **rythme** à une époque, soit par la force, soit de façon insinuante. Au cours d'une crise, dans une situation critique, il faut qu'un groupe se désigne comme *innovateur* ou *producteur de sens*. Et que ses actes s'inscrivent dans la réalité. L'invention ne se commande pas, ni militairement, ni même idéologiquement. Parfois, longtemps après les actions, on perçoit l'émergence de la nouveauté. Il y faut de la perspicacité, de l'attention et surtout de l'ouverture. » (LEFEBVRE, 1992, p.25)
- xiii Tradução nossa. Itálico e negrito são do autor. Texto original: « Mais si vous avez l'habileté de prendre les flux ou flots d'images (T.V, presse, etc.) comme **rythme** parmi d'autres, vous évitez le piège du **présent** qui se donne pour **présence** et veut des effets de présence » (LEFEBVRE, 1992, p.35)
- xiv Tradução nossa. Itálico e negrito são do autor. Texto original: « Or l'image comme le présent, se charge d'idéologie : elle la contient et la masque. La présence, est **ici** (et non là-haut ou là-bas). Avec la présence, il ya dialogue, usage de temps, paroles et actes. Avec le présent, qui est *là*, il n'y a qu'échange et acceptation de l'échange, du déplacement (de *soi* et de *l'autre*) par un **produit**, par un simulacre. Le présent est un fait et un effet de *commerce* ; alors que la présence se situe dans la poétique : valeur, création, situation dans le monde et pas seulement dans les rapports d'échange. » (LEFEBVRE, 1992, pp.66-67)
- xiv Tradução nossa. Negrito é do autor. Texto original : « Le sensible, donc, ce scandale de la philosophie après Platon, reprend sa dignité dans la pensée comme dans la pratique et le bon sens. Il n'a jamais disparu, mais n'a guère subi cette transformation qui lui fait place d'honneur dans la pensée et restitue son sens et sa richesse. Le sensible ? Ce n'est ni l'apparent, ni le phénoménal, mais le **présent**. » (LEFEBVRE, 1992, p.33)

- xlvi Tradução nossa. Itálico e negrito são do autor. Texto original: «Pour saisir et analyser les rythmes, il faut en sortir, mais pas complètement : soit par la maladie, soit par une technique. Une certaine extériorité permet à l'intellect analytique de fonctionner. Cependant, pour saisir un rythme, il faut avoir été **saisi** par lui ; il faut *se laisser aller*, se donner, s'abandonner à sa durée ? Comme dans la musique, dans l'apprentissage d'une langue (l'on ne comprend bien les sens et enchaînements que lorsqu'on parvient à les *produire*, c'est-à-dire à produire des rythmes parlés. » (LEFEBVRE, 1992, pp.41-42).
- xlvii Tradução nossa. Itálico é do autor. Texto original : «Mais le rythmanalyste n'a rien de commun avec un prophète ou un sorcier. Ni avec un métaphysicien ou un théologien. Son geste, son acte le rattachent à la raison. Il espère la dépolyer, la mener plus loin et plus haut, en retrouvant le sensible. Bref, il n'est pas un mystique ! Sans pour autant se donner pour un positiviste, pour celui qui constate : l'empiriste. Il change ce qu'il constate : il le met en mouvement, il reconnaît son pouvoir. En ce sens, il semble proche du poète, ou bien de l'homme de théâtre. L'art, la poésie, la musique, le théâtre ont toujours apporté quelque chose (mais quoi donc?) au quotidien. Ils ne l'ont pas *réflété*. Le créateur descendait dans les rues de la cité ; les habitants figurés habitaient parmi les citoyens. Ils assumaient la vie citadine. » (LEFEBVRE, 1992, p.39)
- xlviii Tradução nossa. Itálico é do autor. Texto original : «Un paradoxe de plus : le rythme semble naturel, spontané, sans loi autre que son dépolement. Or, le rythme, toujours particulier (musique, poésie, danse, gymnastique, marche, etc.) implique toujours une mesure. Partout où il y a rythme, il y a *mesure*, c'est-à-dire loi, obligation calculée et prévue, projet. » (LEFEBVRE, 1992, p.17)
- xlix Tradução nossa. Itálico e negrito são do autor. Texto original: «Le geste rythmanalytique transforme *tout* en présences, y compris le *présent*, saisi et perçu comme tel. Le geste ne s'emprisonne pas dans l'idéologie de la *chose*. Il perçoit la *chose* dans la proximité du *présent*, cas de ce présent, comme l'image est un autre cas. Ainsi, la *chose* se fait **présent** mais non **présence**. Par contre, le geste rythmanalytique intègre ces choses -ce mur, cette table, ces arbres – dans un devenir dramatique, dans un ensemble plein de sens, les transformant non plus en diverses choses, mais en présences. » (LEFEBVRE, 1992, p.36)
- I Texto original: « Depuis l'époque dite *moderne*, le concept de l'**oeuvre** s'obscurcit sans disparaître ; au contraire ; il s'étend et se différencie en succédanés : le **produit** et la **chose**. Le rythmanalyste mènera à bien des oeuvres en renouvelant le concept lui-même de l'oeuvre. » (LEFEBVRE, 1992, p.39)
- ii Tradução nossa. « les temps concrets ont des rythmes ou plutôt sont des rythmes – et tout rythme implique le rapport d'un temps avec un espace, un temps localisé ou si l'on veut un lieu temporalisé. Le rythme est toujours à tel endroit, à son endroit (...). Ce qui n'empêche que ce soit un temps, c'est-à-dire un aspect d'un mouvement et d'un devenir. » (LEFEBVRE, 1992, p.99)»
- iii Tradução nossa. «L'individu est au coeur du rythme parce qu'il crée le rythme. À chaque individu correspond une équation temporelle personnelle, un rythme voire, plusieurs [...]. L'individu façonne le rythme, en fait un acteur.
- Le rythme est au coeur de l'individu, car il 'donne forme aux sujets individuels, il configure les activités et les compose. Le rythme façonne l'individu, qui contribue à son tour à façonner une société : nous sommes tous liés les uns aux autres par un tissu de rythmes innombrables (Hall, 1992, p.25). [...]
- Mais parce qu'elle prend en compte le nombre, la rythmanalyse permet également de raisonner par accumulation et de voir comment des groupes d'individus contribuent à la transformation des lieux. » (Gérardot, 2007, p.5)

-
- liii Tradução nossa. “Un septième et dernier critère, le nombre, est dit 'englobant', car il relève à la fois du temporel et du spatial. Il est directement lié à l'acteur, qui fait le rythme. Le nombre détermine l'intensité d'un rythme : plus il y a d'acteurs partageant le même rythme (ce que nous appelons la corythmicité), plus ce rythme est fort, plus il structure le lieu. Mais le nombre permet également d'analyser les relations entre des rythmes dominants et des rythmes dominés : ce qui nous préoccupe principalement, ce sont les interactions entre les rythmes des différents acteurs. » (Gérardot, 2007, p.3)
- liv Tradução nossa. “Une résonance, sans parler de l'écho, est la chose la plus singulière qui existe : c'est une réplique du modèle ou de la source, mais altérée et nourrie par une autre identité, intangible, qui substitue et envahit un autre corps. Mais qu'a de différent ce 'ré' de l'assonance, alors qu'il demeure ce qu'il a toujours été ? » (BARBER, 2000, p.33)